
**Fenomenologia e saberes tradicionais:
o que revelam as pesquisas de 2015 a 2019**

**Phenomenology and Traditional Knowledge:
what the researches from 2015 to 2019 reveal**

DOI: 10.12957/ek.2021.57521

Kelly Almeida de Oliveira¹

Universidade Federal do Maranhão

ka.oliveira@ufma.br

http://orcid.org/0000-0002-9397-3607

José Vicente de Souza Aguiar²

Universidade do Estado do Amazonas

vicenteaguiar1401@gmail.com

https://orcid.org/0000-0001-7754-1620

RESUMO

Este artigo consiste num estudo revisão bibliográfica que visa conhecer o estado do conhecimento sobre Fenomenologia e sua articulação com os saberes tradicionais evidenciadas em pesquisas acadêmicas. Com essa preocupação, realizamos mapeamento das pesquisas produzidas na área de Filosofia no período de 2015 a 2019, tendo como banco de dados o Catálogo de teses e dissertações da Capes. O texto está subsidiado pelo método de análise de conteúdo proposto por Bardin. Partimos de hipóteses iniciais acerca do local e de quem desenvolve pesquisas sobre Fenomenologia no Brasil, os principais autores referenciados, como Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty e seus respectivos conceitos fenomenológicos. A provisoriedade dos resultados indica que, entre outros fenomenólogos, Merleau-Ponty e as discussões realizadas na sua obra *Fenomenologia da Percepção* se destacam na articulação com os saberes tradicionais.

Palavras-chave: Fenomenologia. Merleau-Ponty. Saberes tradicionais.

¹ Doutoranda em Educação em Ciências e Matemática na Universidade Federal do Maranhão - UFMA/Campus Codó.

² Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente é professor da Universidade do Estado do Amazonas.

ABSTRACT

This article consists of a bibliographical review study that aims to know the state of knowledge about Phenomenology and its articulation with traditional knowledge evidenced in academic researches. With this concern, we have mapped the researches produced in the area of Philosophy in the period from 2015 to 2019, using the Capes' Theses and Dissertations Catalog as a database. The text is supported by the method of content analysis proposed by Bardin. We have started from initial hypotheses about the place and who develops researches on Phenomenology in Brazil, the main referenced authors, such as Husserl, Heidegger and Merleau-Ponty and their respective phenomenological concepts. The temporary nature of the results indicates that, among other phenomenologists, Merleau-Ponty and the discussions carried out in his work *Phenomenology of Perception* stand out in their articulation with traditional knowledge.

Keywords: Phenomenology. Merleau-Ponty. Traditional Knowledge.

PRINCIPIANDO UM DIÁLOGO: DO “VER” AO “SABER”

O movimento diacrônico da Filosofia revela a busca incessante pela compreensão da *physis* (do verbo grego “fazer surgir”), de todos os seres e coisas, sobretudo, da vida humana. As questões inerentes ao ser e ao viver compõem a esteira onde se desenvolvem debates outrora polarizados pela metafísica de Descartes, entre sujeito e objeto do conhecimento. Nesse ínterim, muitos filósofos empreenderam esforços para explicar como a vida acontece e é transformada pela ação humana.

A ontologia, ciência que se dedica a pensar a natureza, a realidade e a existência do ser – enquanto o que é e do que pode vir a ser, precisou voltar-se a si, através do tempo, para fazer surgir à consciência aquilo que precede o dia: a alvorada. Como em uma metáfora sobre o amanhecer, o “retorno às coisas mesmas” possibilitou um novo olhar para o que se manifesta, bem como para o que permanece deveras oculto. Contudo, tanto o que se deixa mostrar quanto o que escapa da apreensão dos sentidos é provisório, é fenômeno cuja investigação filosófica tem como interesse o ato de percepção (*noesis*) e o objeto dessa percepção (*noema*) (HUSSERL, 2007).

Desse modo, esse artigo caracteriza-se como um estudo de revisão bibliográfica conduzido pela interrogação/objetivo: que articulações existem entre Fenomenologia e saberes tradicionais que podem ser evidenciadas em pesquisas acadêmicas?

O mapeamento deu-se a partir do Catálogo de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de nível superior (CAPES) no período de 2015 a 2019. Com vistas a conhecer o estado do conhecimento sobre Fenomenologia e sua articulação com os saberes tradicionais, os critérios foram escolhidos considerando que os estudos que apresentam essas características “partem de uma questão central de pesquisa, bem delimitada, e buscam [...] responder o mais próximo possível da questão formulada pelo pesquisador” (VOSGERAU, ROMANOWSKI, 2014, p. 167). Desse modo, as pesquisas selecionadas para análise são aquelas que compartilham de nossas indagações em relação às categorias investigadas e possibilitam a identificação de proposições e divergências entre as Áreas do conhecimento, principalmente, na Área de Educação.

Informamos, ainda, que não dispomos de nenhum *software* específico para coleta, seleção, análise e catalogação das pesquisas. A investigação emprega como método de compreensão a análise de conteúdo de Laurence Bardin (2006) e como técnica a análise categorial. A análise dos resultados encontrados indica que as pesquisas sobre Fenomenologia se concentram em algumas regiões do país, cujos principais autores citados são Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty; a Fenomenologia é largamente entendida como um método de pesquisa, que em sua relação com o saber pode ser mobilizada para o entendimento dos saberes tradicionais.

O texto está organizado em quatro partes: na primeira, discutimos sobre a história da Fenomenologia por meio dos seus principais autores; na segunda, apresentamos a metodologia da análise de conteúdo, situando-a em cada uma das fases que a compõe; na terceira, os resultados encontrados são acompanhados das análises correspondentes; e, na última, elencamos algumas considerações provisórias com indicação para novos estudos.

FENOMENOLOGIA COMO OBJETO DA ANÁLISE DE CONTEÚDO: TRAÇANDO CAMINHOS METODOLÓGICOS

Por influência do estruturalismo³, a metodologia da análise de conteúdo considera a comunicação como um dado, que significa um “[...] conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens” (BARDIN, 2006, p. 48). Este método compreende três fases. São elas: 1) pré-análise; 2) exploração do material; e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Cada fase possui subfases e regras próprias.

O contato inicial com as pesquisas aconteceu por meio do Catálogo de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de nível superior (Capes)⁴, e seguiu um roteiro para escolha dos documentos. Por meio da leitura flutuante, foi possível estabelecer um roteiro composto pelo índice, que exprime a palavra-tema – Fenomenologia, e por indicadores que representam os critérios utilizados na busca, de forma a selecionar as teses e dissertações que compuseram o universo/*corpus* da pesquisa.

Os indicadores utilizados retratam os principais autores do campo fenomenológico indicados, cujos conceitos utilizados e a relação entre Fenomenologia e saber estão presentes nos objetivos das dissertações e teses. Eles possibilitam: a) relacionar os principais autores da Fenomenologia; b) apreender o conceito de Fenomenologia; e, c) destacar a relação entre Fenomenologia e saber, a fim de entender os saberes tradicionais.

Com as teses e dissertações escolhidas, procedemos à leitura flutuante dos capítulos dos textos. O material foi preparado com códigos e organizado em tabelas. Optamos pelo tema como unidade de registro por ser o mais característico da análise de conteúdo, recomendado para analisar valores e crenças e porque “[...] uma análise temática consiste em descobrir os núcleos de sentido” (BARDIN, 2006, p. 136), tornando-se apropriado ao enfoque fenomenológico. Nesse caso, o recorte da unidade de contexto foi realizado nos parágrafos dos capítulos das pesquisas escolhidas em que o tema foi

³ Corrente de pensamento que se dedica à análise da estrutura da língua. Ampliada às Ciências Humanas, se refere às estruturas sociais (SALES, 2003).

⁴ Disponível em <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso em 30 de março de 2020.

localizado. Sendo assim, elencamos as seguintes unidades de registro: principais autores, fenomenologia e saber.

Neste estudo, para cada unidade de registro foram escolhidas regras de contagem que estivessem em conformidade com a natureza de cada uma delas. Nesse sentido, optamos pela presença, frequência, direção e ordem. Embora existissem diferentes critérios de categorização, tais como: semântico, sintático, léxico e expressivo, optamos pelo critério semântico por se referir a categorias temáticas conceituais.

A análise qualitativa consistiu na identificação da palavra Fenomenologia no título das teses e dissertações, assim como, no título dos capítulos. A análise quantitativa foi realizada tendo como referencial a quantificação: dos autores utilizados nos estudos sobre Fenomenologia; do tipo de conceito de Fenomenologia; e da presença da relação entre a Fenomenologia e saber.

Durante a primeira fase do método, intitulado como pré-análise nos reportamos aos termos de busca como índices e indicadores. Durante a segunda fase, de exploração do material, procedemos à codificação, enumeração e decomposição, cujos termos referenciados foram considerados como unidades de registro e unidades de contexto. Durante a operacionalização da técnica de análise categorial, na última fase, os termos passaram a ser nomeados por categorias, indicando, assim, o seu processo de construção ao longo deste estudo.

PESQUISAS SOBRE FENOMENOLOGIA DOS ÚLTIMOS CINCO ANOS: OS RESULTADOS

Apresentamos nesta seção os resultados obtidos mediante a aplicação da metodologia de análise de conteúdo às pesquisas selecionadas nas duas primeiras fases, a saber: 1) pré-análise e 2) exploração do material.

FASE 1: A PRÉ-ANÁLISE

Para realizar a pré-análise, no dia 20 de abril de 2020, acessamos o Catálogo de teses e dissertação da Capes. Na página inicial, inserimos o índice Fenomenologia como

um descritor na ferramenta de busca. Encontramos 4.841 resultados. Aplicamos como filtro o critério dos últimos cinco anos para a busca. A plataforma apresentou 341 resultados para o ano de 2015, 376 resultados para o ano de 2016 e 424 resultados para o ano de 2017.

Optamos por privilegiar os programas de Filosofia porque, enquanto metodologia e vertente de pensamento, a Fenomenologia se originou nesse campo, o que possibilitou reduzir o universo para 199 pesquisas, distribuídas em nove guias. Obtivemos 132 dissertações e 47 teses, das quais 178 se localizam na área de conhecimento da filosofia e uma em epistemologia.

Optamos, na sequência, pelas pesquisas que apresentam a palavra Fenomenologia no título, disponíveis na plataforma, para evidenciarmos aquelas que a entendem como categoria de análise. Desse modo, pela leitura flutuante, lemos todos os títulos das teses e dissertações para identificá-los e selecioná-los. Restaram 27 dissertações e dez teses. Para atender a regra da exaustividade, conferimos três vezes todas as pesquisas.

Pela regra da homogeneidade, excluímos da busca as variações da palavra Fenomenologia, como os adjetivos, locuções adjetivas e os casos em que ela compõe novas palavras por justaposição ou pela adição de um prefixo. A regra da não seletividade foi cumprida mediante a busca por todas as pesquisas que atendiam ao critério de ter a palavra “Fenomenologia” no título.

Por meio da leitura flutuante, identificamos no sumário as pesquisas que não apresentam um capítulo reservado para discutir o conceito e os aspectos teórico-metodológicos da Fenomenologia, além de não a apresentarem como palavras-chave. Desse modo, foram descartadas mais 15 pesquisas (12 dissertações e três teses). As oito restantes estão relacionadas no Quadro 1.

Quadro 1: Pesquisas que apresentam Fenomenologia no título de capítulo e nas palavras-chave.

	Pesquisador/a	Título	Ano
Dissertações	CARMINHOLI, Carla Caminata	Reflexões sobre a Psicologia como ciência a partir da Fenomenologia de Martin Heidegger	2015
	MARTINS, Joao Paulo	Fenomenologia e neurociência: uma relação possível	

	PRASERES, Janilce Silva	Fenomenologia da Afetividade: um estudo a partir de Michel Henry	
	DANTAS, Ricardo Avalone Athanasio	Heidegger, Derrida e a Fenomenologia entre Natureza e História	2017
	MUNOZ, Maximiliano Villa	A Caminho de Ser e Tempo: a virada hermenêutica da Fenomenologia	
Teses	MANTOVANI, Harley Juliano	A revisão da ontologia como Fenomenologia da vida em Merleau-Ponty	2017
	SANTOS, Adelar Conceição Dos	Do sujeito constituinte à constituição da subjetividade: o problema do fundamento da subjetividade na fenomenologia	
	ZEIFERT, Emanuel Bagetti	Fenomenologia Hermenêutica e Filosofia Estrutural Sistemática: tentativas de aproximação	

Fonte: Organizado pelos autores, 2021.

Antes de realizar a análise categorial dos capítulos selecionados para estabelecer o sistema de categorias, realizamos a leitura flutuante de cada pesquisa para ter uma visão ampla, visto que a leitura flutuante, apenas dos títulos das pesquisas e títulos dos capítulos é insuficiente. Ao passo que realizamos a leitura, sentimos a necessidade de registrar por escrito os elementos principais de cada pesquisa por meio de fichamentos que nos proporcionaram uma visão sintético-analítica das categorias de cada uma delas.

Desse modo, percebemos que Carminholi (2015), Dantas (2017), Munoz (2017) e Zeifert (2017) não contemplam discussões sobre a relação da Fenomenologia com saber, impossibilitando alcançar nosso objetivo. Consideramos, então, Martins (2015), Praseres (2015), Mantovani (2017) e Santos (2017) como o *corpus* e a amostra (regra da representatividade) para a análise.

A leitura flutuante também nos possibilitou identificar hipóteses emergentes e estabelecer objetivos, pelos quais ponderamos que, apesar de estar amplamente difundida, as pesquisas sobre Fenomenologia concentram-se em algumas regiões do país; seus principais expoentes são Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty; sendo conceituada sob várias perspectivas de fundamentação teórica e metodológica; cujos resultados, na sua relação com saber, sugerem a possibilidade de entender os saberes tradicionais.

Apresentamos o Esquema 1 que contém a relação interdependente entre índices, indicadores, hipóteses e objetivos.

Esquema 1: Relação entre índices, indicadores, hipóteses e objetivos



Fonte: Organizado pelos autores, 2021.

Para preparar o material, as pesquisas, em formato digital, foram salvas e divididas em pastas arquivadas, que foram renomeados com um código de identificação e organizados em tabelas, o que nos conduz à segunda fase do método.

FASE 2: EXPLORAÇÃO DO MATERIAL

Após a leitura integral dos oito trabalhos, focalizamos nossa atenção nos capítulos selecionados para a análise categorial. Nessa fase, executamos as operações de: 1) codificação: transformar um dado para ser representado; 2) enumeração: escolher/adotar as regras de contagem (presença, frequência, intensidade, direção e ordem), atentando para a definição das unidades de registro – temas, e das unidades de contexto – parágrafos dos capítulos selecionados; 3) decomposição: desmembrar os textos em unidades de contexto e em categorias (classificar e agregar as categorias) e, 4) reagrupamento: extrair as inferências.

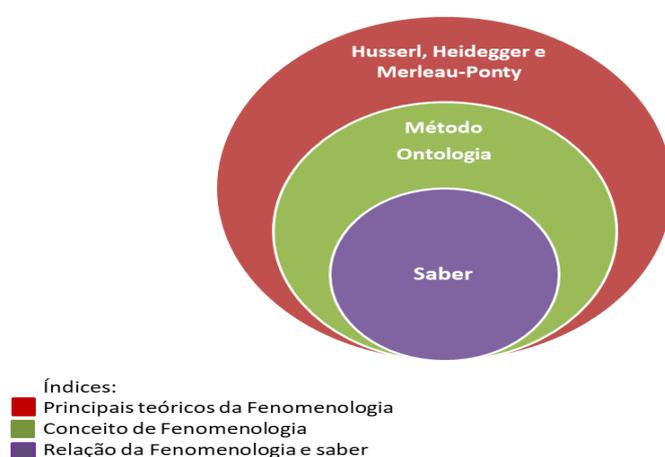
O critério escolhido foi o semântico, visando isolar e agrupar as categorias consideradas como rubricas e expressas em títulos conceituais, fornecidas após a leitura flutuante (tipo acervo). Vale ressaltar que até o momento, nos reportamos aos termos de

busca como unidades de registro que, nessa etapa do método, são decompostas e originam as categorias.

Para identificar os principais autores citados, fixamos como categorias: Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty. Para expressar o conceito de Fenomenologia, utilizamos como categorias: método e ontologia. Para analisar a relação da Fenomenologia com o saber, a categoria escolhida foi: saber.

O conjunto das categorias analisado segundo as operações de codificação, decomposição e reagrupamento possibilitaram elaborar um sistema. Em formato circular e expresso no Esquema 2, o sistema possibilita visualizar as relações estabelecidas entre as categorias em seu interior, da forma como foram percebidas durante a análise categorial.

Esquema 2: Sistema de categorias



Fonte: Organizado pelos autores, 2021.

No sistema é possível visualizar que as categorias se comunicam e se relacionam por níveis de abrangência em que o círculo maior e mais externo representa os principais autores da Fenomenologia, enquanto o círculo intermediário revela os conceitos atribuídos a ela. O círculo menor contido no interior dos outros dois indica a relação entre as categorias: Fenomenologia e saber.

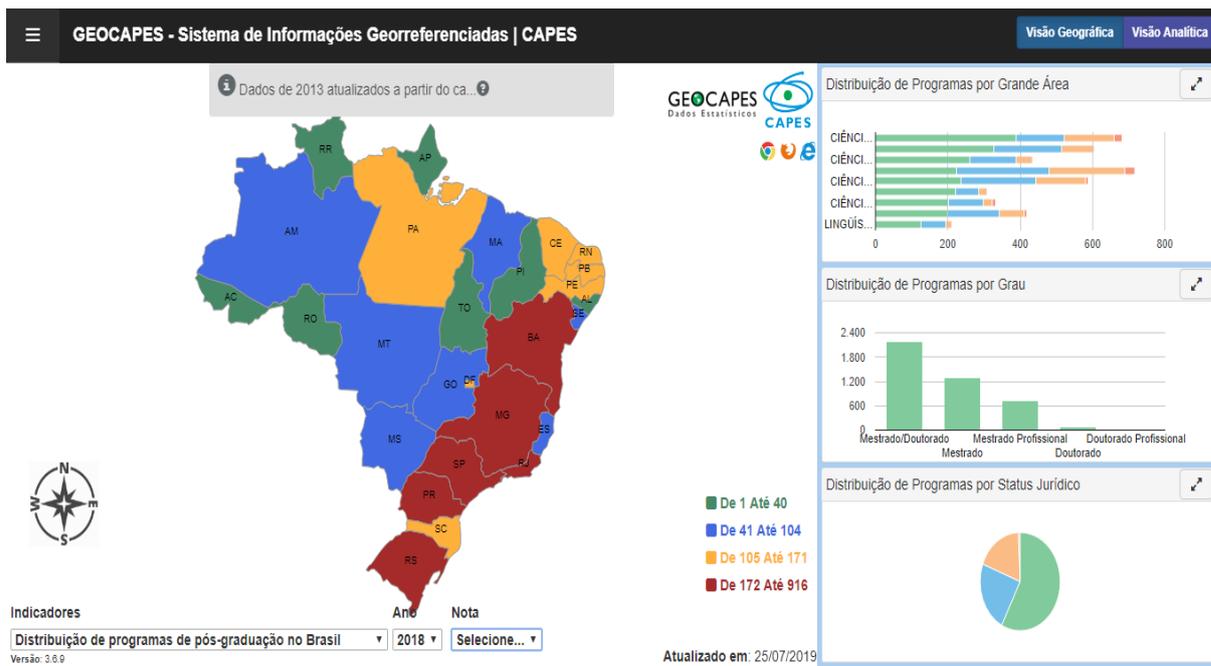
O QUE REVELAM AS PESQUISAS SOBRE FENOMENOLOGIA: AS INFERÊNCIAS

Chegamos à última fase da análise de conteúdo, na qual empreendemos os movimentos de interpretação e inferência. Definidas as categorias, a operação de enumeração possibilitou adotar as seguintes regras específicas para cada uma delas: presença, frequência, ordem e direção. Realizamos a análise das mais abrangentes em direção às mais específicas. Julgamos inadequado utilizar a coocorrência devido à falta de conformidade com a natureza das categorias.

Assim sendo, optamos por iniciar as análises com a identificação das instituições e programas às quais as pesquisas estão filiadas. Ao localizar o nome das instituições, programas, pesquisadores/as e orientadores/as, foi possível verificar a distribuição geográfica das pesquisas.

Santos (2017) e Praseres (2015) foram desenvolvidas no Rio Grande do Sul. São Paulo e Goiás são representados pelas pesquisas de Martins (2015) e Mantovani (2015), respectivamente. Esse fato nos permite inferir que as pesquisas sobre Fenomenologia se concentram na parte centro-sul do país. Essa informação foi confirmada por meio de um novo levantamento sobre os Programas de Filosofia das Universidades Federais e Estaduais no Sistema de Informações Georreferenciadas da Capes (GeoCapes) em que verificamos a ocorrência da maior quantidade de pesquisas nessas regiões, conforme Figura 1. Por outro lado, convém investigar o que a menor quantidade de pesquisas localizadas nas regiões norte e nordeste significa, uma vez que a ausência desses elementos também indica um sentido (BARDIN, 2006).

Figura 1: Distribuição de programas de pós-graduação no Brasil



Fonte: <https://geocapes.capes.gov.br/geocapes/>

Os Estados em vermelho são aqueles que possuem acima de cento e setenta e dois programas de Pós-graduação. Notadamente, são os Estados que compõem as regiões sudeste e sul do país, com exceção de Santa Catarina, Bahia e Espírito Santo. A figura 1 nos ajuda a visualizar como os programas de Pós-graduação estão distribuídos no país, embora não ofereça a possibilidade de verificar a distribuição por área de conhecimento.

Saber o porquê do local onde essas pesquisas se desenvolvem (por que neste e não naquele outro) é importante para a construção de novas hipóteses que apontam para variáveis como: poucos investimentos na área das ciências humanas, acesso aos programas, visibilidade no cenário mundial, quantidade de publicações (periódicos), políticas públicas de incentivo e fomento à pesquisa (LIEVORE, PACININ, PILATTI, 2017).

Para a enumeração dos principais autores da Fenomenologia, utilizamos como regra a frequência para definir a quantidade de utilização dos autores nas pesquisas como um todo, pois “[...] a aparição de um item de sentido ou de expressão será tanto mais significativa [...] quanto mais esta frequência se repetir” (BARDIN, 2006, p. 138-139).

A busca foi realizada acionando a ferramenta “localizar na página” para saber quais são os principais autores do campo fenomenológico citados nas pesquisas selecionadas. Devido à capacidade da ferramenta não foi possível precisar a quantidade

de vezes que Merleau-Ponty foi citado no trabalho de Mantovani (2017), pois ela não registra números acima de 999 resultados. Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty foram citados nas quatro pesquisas. Observamos também a aparição de outros autores, como Jean-Paul Sartre (1905-1980) que ganha projeção com a tese de Santos (2017) e Michel Henry (1922-2002) na dissertação de Praseres (2015).

A outra regra que escolhemos para a enumeração dos autores foi a da ordem que incidiu sobre a forma de estruturação das pesquisas para captar o significado da sucessão dos autores utilizados. Por exemplo, Martins (2015), no capítulo 1 *Fenomenologia: Surgimento e desenvolvimento* ao abordar a concepção histórica da Fenomenologia inicia citando Husserl, depois os demais autores influenciados por ele como Heidegger, Sartre e Merleau-Ponty. Contudo, ele considera as contribuições de Merleau-Ponty como a base para a relação da Fenomenologia com a neurociência.

Assim sendo, inferimos que mesmo as pesquisas que têm como foco outros autores como Sartre e Henry, os/as pesquisadores/as registraram as contribuições de Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty antes de aprofundarem suas análises. Isso acontece principalmente na dissertação de Praseres (2015) e na tese de Santos (2017). Esses indícios revelam uma tendência histórica nas pesquisas, pela qual todos concordam que o surgimento da Fenomenologia está relacionado à Husserl e que os demais autores se reportam a ele para desenvolverem suas teorias.

Edmund Husserl, ao fundar o método filosófico, rebate o historicismo e o psicologismo, e propõe um caminho mais fértil para encontrar as verdades da razão. A Fenomenologia foi apresentada como o estudo da experiência da consciência. Logo, o que captamos do mundo pelos sentidos compõe nossa atitude natural diante dele, que constitui experiência da consciência. Nesse sentido, *epoché* significa colocar a apreensão antepredicativa do mundo entre parênteses, por meio de uma atitude fenomenológica e redução, o distanciamento do que é vivenciado para alcançar a sua essência (HUSSERL, 2007).

A fenomenologia se dedicou a estudar as vivências. Cada vivência se dá em referência a um objeto, alvo da consciência. Por isso, a característica fundamental da consciência é a intencionalidade, de forma que consciência é sempre a consciência de alguma coisa (HEIDEGGER, 2012). A intencionalidade, mais que o direcionamento da

vontade, é a essência da consciência. Assim, o que representa a intencionalidade é o significado atribuído ao que é percebido por ela.

Em sequência, temos a redução eidética (redução à ideia). Momento em que a consciência analisa o *noema* para encontrar sua essência, isto porque os atos de consciência precisam ser conhecidos em suas essências. A redução eidética é o que confere rigor e clareza apodítica à filosofia enquanto ciência. As essências precisam ser atemporais, ou seja, precisam fornecer uma verdade transparente e sem ambiguidade, garantidas por sua idealidade. Nisso que consiste suspender o fenômeno para torná-lo ideal, como efeito da consciência. O modo de apreender a essência se dá pela intuição (HUSSERL, 2007).

Uma palavra não descreve uma única experiência, mas um grupo de experiências, daí porque precisa ser transcendental, pois todas desembocam em um significado maior e constituem um verdadeiro mundo de significados. Os fenômenos são entendidos como atos de consciência e sua relação com o ser se torna o objeto de estudo da Fenomenologia.

A pergunta pelo sentido do ser retomada pelo discípulo de Edmund Husserl (1859-1938), Martin Heidegger (1889-1976), investida por uma ontologia fundamental, encontra materialidade na obra *Ser e tempo*, de 1927, pela qual “fenômeno” significa “o que se manifesta, se mostra, aparece” e por “logos”, que indica “estudo”. Ao decompor os dois termos no §7 da obra citada, ele entende que um conceito de Fenomenologia só pode se dar provisoriamente (MUNOZ, 2017).

Os anos friburguenses de Heidegger promoveram uma virada hermenêutica (ciência da interpretação) na Fenomenologia, com um novo sentido para ontologia. Ao assumir a ontologia como método fenomenológico, Heidegger afastou-se das questões ônticas, considerando o homem como *Dasein* (ser-aí), definido pelo seu modo de ser-no-mundo que, em relação ao tempo, existe como possibilidade-de-ser (HEIDEGGER, 2012).

Heidegger postulava que a metafísica era a história do esquecimento do ser e criticou a noção de consciência pura presente na Fenomenologia Transcendental Husserliana. Para Husserl, a Fenomenologia era uma ciência eidética que estudava os fenômenos como estes se dão a conhecer para a consciência. Isto posto, a Fenomenologia foi considerada como a tentativa de interpretar o fenômeno fazendo surgir o que estava eventualmente oculto naquilo que eventualmente se mostrava (MUNOZ, 2017).

Uma nova revisão da ontologia foi proposta pelo filósofo francês Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), para quem o ser possuía uma corporalidade que participava da experiência, oriunda da encarnação do ser no mundo. O ontológico não se reduz, portanto, à atualidade. Na busca por encontrar o filosófico abaixo das essências (MANTOVANI, 2017), a Fenomenologia passou a ser entendida como práxis que realiza teleologicamente a filosofia.

Influenciado por Husserl, Merleau-Ponty dialoga, inicialmente com a Psicologia, por meio das obras: *A estrutura do comportamento* (1942) e *Fenomenologia da percepção* (1945). Como um dos mais célebres existencialistas franceses do século XX, Merleau-Ponty apontou, entre outras contribuições, para o nascimento sensível do saber humano, por meio de uma ontologia da vida.

Essas informações confirmam nossa hipótese inicial de que Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty são os principais autores da Fenomenologia. Além disso, sugerem nova investigação sobre o lugar que outros autores ocupam nos estudos fenomenológicos e suas contribuições no âmbito da ontologia e da epistemologia em programas de Pós-graduação em Filosofia, como: Sartre e Michel Henry.

Desse modo, para a enumeração da unidade de registro/categoria Fenomenologia, utilizamos como regra a presença para definir a quantidade do tipo de conceito e a intensidade para definir o posicionamento dos/as pesquisadores/as em relação aos conceitos utilizados, conforme Quadro 2.

Quadro 2: Unidades de contexto (parágrafos) para a unidade de registro/categoria Fenomenologia

	Pesquisador/a	Unidades de contexto para a unidade de registro/categoria Fenomenologia
Dissertações	MARTINS (2015)	“Dessa forma, contemporaneamente, <i>a fenomenologia é entendida como uma abordagem que procura entender os fenômenos da forma como eles se apresentam para um sujeito experienciador</i> . Pautado nessas considerações pode-se dizer que a fenomenologia não está interessada em compreender a forma objetiva ou natural da experiência.” p. 27
	PRASERES (2015)	“A questão, que Michel Henry traz com a Fenomenologia da Vida, são com relações a Vida que demonstram um modo de manifestação: <i>a manifestação afetiva da própria Vida</i> , como esta se manifesta como afeto na invisibilidade, e assim

	questionar o modo como a vida se fenomenaliza originalmente.” p. 29
Teses	MANTOVANI (2017) “É neste sentido que, para Merleau-Ponty, quando a fenomenologia se assumir como <i>filosofia da subjetividade</i> , ela não será uma filosofia da essência da subjetividade purificada de toda experiência ou de toda <i>hylé</i> em relação a qual se fala de uma Urerlebnis (vivência originária) pela qual se tem acesso ao não-tético mesmo dentro da consciência, cuja intencionalidade reflexiva se faz sobre uma intencionalidade operante ou latente.” p.29
	SANTOS (2017) “Assim, como deve ter ficado claro até aqui, <i>a fenomenologia é uma filosofia das essências</i> . Se o ponto de partida é o lema de volta “as coisas mesmas”, o acesso a esse âmbito original se dá, como vimos, através de um método que consiste em colocar entre parêntese tudo que assumimos como dado na “atitude natural”.” p. 108

Fonte: Organizado pelos autores, 2021.

Martins (2015) busca uma forma de compreender a Fenomenologia, enquanto método investigativo, com as ciências cognitivas. O pesquisador a considera como “método fenomenológico que se situa como um dos pilares centrais da fenomenologia”. Depois, ele situa Merleau-Ponty como “um dos melhores exemplos de como a fenomenologia pode desempenhar um papel importante nas ciências cognitivas” (*Ibid*, p.10).

A dissertação inicia com uma perspectiva histórica da Fenomenologia, para depois introduzi-la no campo das neurociências utilizando pensadores contemporâneos como Shaun Gallagher, Dan Zahavi e Evan Thompson, entendendo-a como “[...] uma abordagem que procura entender os fenômenos da forma como eles se apresentam para um sujeito experienciador” (*Ibid*, p. 27).

Praseres (2015) se preocupou com a Fenomenologia da vida na perspectiva de Michel Henry, também influenciado por Husserl, para fundamentar a afetividade. Para ele, a Fenomenologia é “[...] a manifestação afetiva da própria Vida” (*Ibid*, p.29), distanciando-se, assim da Fenomenologia clássica.

A tese de Mantovani (2017), em relação à Praseres (2015), alarga a compreensão de Fenomenologia da vida quando se dirige à perspectiva de Merleau-Ponty sem deixar de citar Michel Henry. Para Mantovani (2017), Merleau-Ponty empreende uma revisão crítica da ontologia clássica quando considera a Fenomenologia como uma “[...] filosofia

da subjetividade” (*Ibid*, p.29). Nesse sentido, a Fenomenologia transcendental de Husserl é considerada por Merleau-Ponty como uma não-filosofia.

A tese de Santos (2017) revela a preocupação do pesquisador com o fundamento da subjetividade na fenomenologia. Para isso, estrutura seu trabalho em Husserl, Heidegger, Sartre e Merleau-Ponty, pelo qual enfatiza que “[...] o ser de um fenômeno não se reduz a sua aparição nem pode ser dado pela “soma” da série de suas aparições” (*Ibid*, p. 109), extrapolando assim, a concepção clássica de Fenomenologia. Ou seja “[...] o fenômeno que me aparece revela todo seu ser, mas o ser deste fenômeno não se suprime quando o fenômeno não me aparece” (*Ibid*, p. 109).

Essa compreensão nos ajudou a entender como os conceitos de Fenomenologia assumidos pelos pesquisadores/as foram construídos a partir dos autores de referência. Uma segunda leitura dessa tese nos possibilitou construir um esquema que situa as concepções de Fenomenologia de Husserl, Heidegger, Sartre e Merleau-Ponty que expomos no Esquema 3.

Esquema 3: Concepções de Fenomenologia utilizando os autores de referência



Fonte: Organizado a partir de Santos (2017).

Santos (2017), utilizando-se de um tratamento didático, estruturou sua pesquisa de modo que os autores foram contemplados de forma mais equânime que nas demais pesquisas, reservando para o final sua preferência por Merleau-Ponty. A tese está estruturada em quatro partes e cada uma delas corresponde a um autor da Fenomenologia,

de modo a explicitar a transição entre: a 1) Fenomenologia transcendental de Husserl; 2) a Ontologia Fundamental de Heidegger e sua crítica a Husserl; 3) a Ontologia Fenomenológica de Sartre e sua crítica à Heidegger; e, 4) a Ontologia do sensível de Merleau-Ponty e sua crítica à Sartre.

A análise da tese da pesquisadora nos conduziu a registrar alguns apontamentos que consideramos relevantes para este estudo. Por exemplo, ao iniciar sua argumentação, a pesquisadora apresenta a obra *Investigações Lógicas* de Husserl, na qual ele critica o psicologismo porque “[...] a defesa intransigente deste tipo de posição leva progressivamente ao reducionismo, ao relativismo e, por último, ao ceticismo” (SANTOS, 2017, p. 15). Posteriormente, no “[...] texto das *Ideias*, viria a se confirmar nas *Meditações Cartesianas*, onde a fenomenologia pura se apresenta definitivamente como uma forma de idealismo transcendental” (*Ibid*, p. 31). Para isso, “[...] Husserl se empenha em fazer da fenomenologia a ciência pura dos princípios, a única a alcançar o domínio transcendental” (*Ibid*, p. 21), se aproximando, assim, de Descartes e Leibniz.

Outra consideração importante diz respeito a Heidegger que promove uma virada hermenêutica na Fenomenologia, entendendo a ontologia como “[...] a ciência do ser do ente” (*Ibid*, p. 72), e que a Fenomenologia é um “fazer-ver” cujo objetivo é uma descrição interpretativa. Ele une, por assim dizer, ontologia, Fenomenologia e hermenêutica. Sua obra principal é *Ser e Tempo*, pela qual apresenta a Fenomenologia como provisória, ou seja, uma possibilidade tendo como intenção uma analítica existencial. Ao retomar Husserl e se distanciar dele em seguida, Heidegger crítica “[...] a omissão da questão do ser-aí” (*Ibid*, p. 74), como “[...] anterior e condição da ontologia em geral” (*Ibid*, p. 72).

A terceira parte da tese é dedicada à Sartre, que em sua obra *O ser e o nada*, desenvolve uma reflexão própria no sentido de caracterizar a intencionalidade. Tendo se referenciado em Husserl e situando-se no campo do existencialismo, ele admite que “[...] toda consciência é consciência de alguma coisa” (*Ibid*, p. 95), pois “[...] se deve em grande medida a possibilidade da intencionalidade de nos colocar em meio ao mundo, junto das coisas” (*Ibid*, p. 96), promovendo uma ontologia fenomenológica. Sartre acabará por fundamentar o que foi chamado de Filosofia da negatividade, em que de início, o ser e o nada estariam em posições antagônicas e, no final, se somariam, gerando uma espécie de ambiguidade. Essa posição foi duramente criticada por Merleau-Ponty, como vemos:

[...] o irrefletido e a reflexão, entre a fé perceptiva e a imanência dos meus pensamentos em relação a mim mesmo que penso: é a mesma coisa não ser nada e habitar o mundo; entre o saber de si e o saber do mundo não há mais debate de prioridade, ainda que ideal; em particular, o mundo não está mais fundado sobre o “eu penso”, como o que está ligado sobre o que liga, o que “sou”, sou-o apenas à distância, ali, nesse corpo, nesse personagem, nesses pensamentos que empurro diante de mim e que são apenas os meus longes menos afastados; e, inversamente, este mundo que não sou eu, e ao qual me apego tão intensamente como a mim mesmo, não passa, em certo sentido, do prolongamento do meu corpo; tenho razões para dizer que eu sou o mundo (MERLEAU-PONTY, 2014, p.63 *apud* SANTOS, 2017, p. 154).

Merleau-Ponty tem como obra principal *Fenomenologia da Percepção*, amplamente utilizada por Santos (2017) na quarta parte, com vista a perseguir uma ontologia do sensível. Para ele, “[...] se a fenomenologia é o “estudo das essências” ela é também por outro lado “uma filosofia que repõe as essências na existência”” (*Ibid*, p. 142).

Pelo exposto, tanto no Esquema 3 quanto no Quadro 2 percebemos que os conceitos utilizados por três pesquisadores possuem afinidade maior com Merleau-Ponty. De fato, o que levou os pesquisadores a adotarem estes conceitos de Fenomenologia em suas pesquisas e não outros? Indicamos assim, uma ausência que precisa se problematizada com novos estudos.

Passemos agora à análise da relação entre Fenomenologia e Saber.

Os estudos de natureza fenomenológica, na área de Filosofia, têm demonstrado sua articulação com a categoria saber, com destaque para os saberes tradicionais. Por isso, é necessário conhecer os principais autores, apreender conceitos, concepções e relações como possibilidade para entendê-los. Assim sendo, recortamos os parágrafos dos capítulos que apresentam essas discussões, desdobrando-os em unidades de contexto/parágrafos onde foi possível identificar a presença das unidades de registro/categorias: Fenomenologia e saber.

Para a enumeração da unidade de registro/categoria saber, utilizamos como regra a presença para verificar se a relação da Fenomenologia e saber está presente ou não. Com o intuito de aprofundar a análise, tomamos a regra da direção para entender o sentido da intensidade da relação entre Fenomenologia e saber, apontando assim para o/s autor/es que a fundamentam, dentre aqueles que foram considerados neste estudo. Vejamos no Quadro 3, como essas discussões aparecem representadas nas pesquisas na perspectiva dos autores de referência.

Quadro 3: Unidades de contexto/parágrafo para a unidade de registro/categoria
 saber

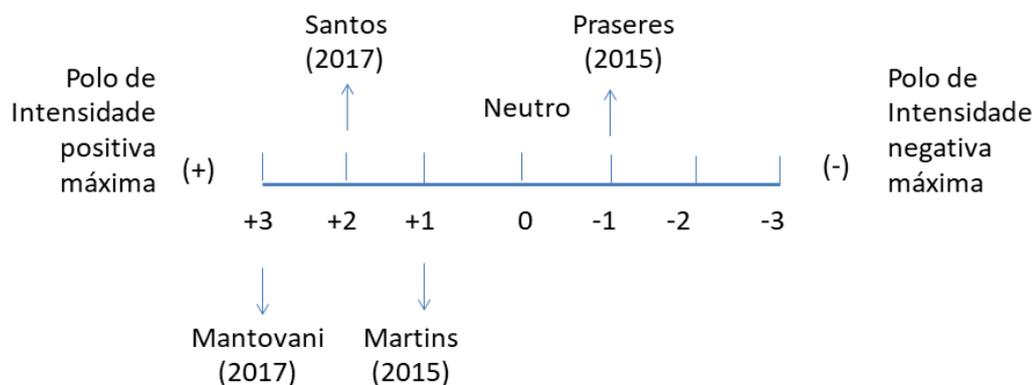
	Pesquisador/a	Unidades de contexto	Autor de referência
Dissertações	MARTINS (2015)	“[...] o conhecimento do mundo, sendo ele científico ou não, se dá a partir da própria experiência do sujeito. Considera-se, assim, que <i>todo o saber é oriundo do mundo-vivido</i> , isto é, dos pensamentos, percepções e vivências que um indivíduo pode ter em seu meio” p. 27	Merleau-Ponty (1994)
	PRASERES (2015)	“[...] <i>o saber da vida como saber em que a vida constitui tanto o poder que conhece quanto o que é versado por este conhecimento</i> , proporciona, de maneira exclusiva, seu “conteúdo”. De tal modo que esse saber da vida não tem objeto, por isso não é objetivo, mas que perpassa pela relação disposta pela sua essência, que é a própria vida” p. 20	Henry (2012)
Teses	MANTOVANI (2017)	“[...] é preciso esclarecer que a ontologia da vida retira da filosofia a evidência absoluta do <i>saber de que “o Ser é” e “o Nada não é”</i> ” p. 327.	Merleau-Ponty (2015)
	SANTOS (2017)	“[...] Este <i>saber do corpo</i> não é, portanto, constituído do mesmo modo como a consciência pode compor a síntese de um objeto.” p. 141 “[...] Se a reflexão é capaz de esclarecer alguma coisa isto só parece ser possível dado uma vinculação com essa espécie de <i>saber original da atitude natural</i> , de uma proto-doxa em termos do que é simplesmente dado como “meras coisas” (blosse Sachen).” p. 143-144	Merleau-Ponty (2015)

Fonte: Organizado pelos autores, 2021.

Observamos que Martins (2015), Praseres (2015), Mantovani (2017) e Santos (2017) apresentam uma discussão sobre saber, atendendo, assim, à regra da presença. Contudo, somente Praseres (2015) não pontua sua discussão em Merleau-Ponty. A ponderação dessa informação conduziu-nos a utilizar a direção como uma segunda regra de enumeração para representar a categoria saber, sob a forma de perfil. Localizamos as pesquisas na reta polarizada de acordo com o sentido da intensidade das discussões sobre

a relação da Fenomenologia com saber, apresentadas pelo/as pesquisadores/as, tendo como autor de referência Merleau-Ponty.

Perfil 1: Relação entre Fenomenologia e saber de acordo com o sentido da intensidade da discussão em Merleau-Ponty



Fonte: Organizado pelos autores a partir de Bardin (2006), 2021.

Pelo perfil apresentado e as unidades de contexto para a categoria saber, percebemos que o autor mais citado como referência para a discussão entre Fenomenologia e saber é Merleau-Ponty. O que nos leva a confirmar nossa hipótese de que a Fenomenologia mantém um relacionamento com o saber, podendo ser mobilizada para entender os diversos saberes, entre eles, os tradicionais. É o que podemos constatar em outro trecho da dissertação de Martins (2015), quando ele se reporta a Merleau-Ponty:

[...] tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu sei a partir de visão minha ou de uma experiência do mundo, sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. O universo da ciência é construído sobre o mundo-vivido e, se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, precisamos, primeiramente, despertar essa experiência do mundo da qual ela é a expressão segunda (MERLEAU-PONTY, 1994, p.3 *apud* MARTINS, 2015, p.39).

Outra informação relevante que observamos no Perfil 1 é que quem mais recorreu a Merleau-Ponty foi Mantovani (2017)⁵ para explicar a relação da Fenomenologia com saber. Por isso, optamos por recorrer a sua pesquisa para tentar explicar como ela acontece.

Uma ampla discussão sobre o saber inicia-se na *Parte 2: Edmund Husserl e a realização da Filosofia* da tese de Mantovani (2017). Apoiada em Husserl, a pesquisadora afirma que “O mundo circundante torna possível o saber de si do homem como membro de uma comunidade social assim como a realização consciente do seu próprio ser”, em que “[...] a possibilidade desse saber e dessa realização ontológica se localiza no âmbito da atitude personalística” (*Ibid*, p. 211). Significa dizer que naquilo que singulariza a atitude individual de cada pessoa, ela é inseparável do ambiente que a circunda. Ou seja, o saber de si é inseparável do contexto vivencial.

Na *Parte 4: Logos, homem e vida*, a discussão sobre saber é retomada incorporando Merleau-Ponty. Para ela, uma coisa é muito clara: a Fenomenologia oferta uma possibilidade de introdução à ontologia da vida, em que “[...] a percepção, que restaura as raízes existenciais da compreensão e a abertura pré-filosófica ao mundo, nos permite assistir, simultaneamente, à gênese da subjetividade, do saber e dos seres” (*Ibid*, p.324). Só a percepção, por conseguinte, pode se opor às filosofias reflexivas que exaltam a idealidade de um *Ego* separado da vida. A percepção inverte a idealização do absoluto e da racionalidade, tornando-se a Fenomenologia do Ser pré-reflexivo, pois,

[...] para olharmos novamente para a vida, precisamos assistir ao nascimento do saber, porque apenas estando diante deste nascimento o nosso olhar é ingênuo, admirado e incoativo. Através da busca pelo nascimento do Logos, Merleau-Ponty restitui a facticidade como um elemento fundamental da compreensão da vida, do mundo e da subjetividade (*Ibid*, p. 326).

⁵ Nesse ponto, uma observação se faz importante. Com este perfil classificamos as pesquisas de acordo com o sentido da intensidade da discussão relativa ao saber tendo como referência Merleau-Ponty. Michel Henry não é considerado neste estudo como inferior ou negativo em relação a Merleau-Ponty, como se houvesse um ranqueamento ou disputa entre eles. Queremos demonstrar que a discussão entre Fenomenologia e saber tende a considerar mais Merleau-Ponty que Michel Henry, haja vista as pesquisas selecionadas em função dos objetivos pretendidos.

A filosofia precisa de um começo. É o primado da percepção que “[...] humaniza o saber ou mostra o nascimento sensível do saber humano a partir de um fundo inumano que o torna possível tanto quanto o indefine”, instigando, por seu turno, “[...] o domínio de uma racionalidade em devir, incoativa e bruta, que nos assinala o começo humano da filosofia” (*Ibid*, p. 336). Isso é importante porque “o modo como a ideia de saber foi materializada na ontologia ocidental, contribuiu para que os saberes tradicionais de diversos povos ficassem reduzidos a meras colaborações no âmbito da pesquisa científica” (BRANDÃO, 2019, p. 44).

Isto posto, retomamos nossa interrogação de pesquisa: que articulações existem entre Fenomenologia e saberes tradicionais que podem ser evidenciadas em pesquisas acadêmicas? As evidências até aqui demonstradas indicam que a relação da Fenomenologia com o saber abre caminho para o surgimento de uma nova hipótese: a de que os saberes tradicionais, enquanto categoria de análise inferida nesse estudo pode ser investigada tendo como referência Merleau-Ponty.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

Entendemos que catalogar as pesquisas foi importante para visualizar a distribuição geográfica daquelas que se reportam ao estado do conhecimento sobre Fenomenologia no Brasil. Contudo, ventilamos como necessidade investigar o porquê dessas pesquisas se desenvolverem com predominância em determinadas regiões do país, considerando-se as mais diversas variáveis.

Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty foram citados em todas as pesquisas analisadas, por isso consideramos que eles são os principais autores da Fenomenologia. Todavia, houve referência a outros teóricos, como: Sartre e Michel Henry. Esse fato sinaliza a necessidade de investigar sobre o lugar que eles e outros/as autores/as ocupam nos estudos ontológicos e epistemológicos dos programas de Pós-graduação em Filosofia.

Compreendemos que a Fenomenologia pode ser mais que um método investigativo na medida em que se faz necessário descrever sentidos e significados, para além dos fatos que os originam. Inferimos, ademais, a existência de “[...] saberes de dimensões não-discursivas a partir de uma cosmologia” (BRANDÃO, 2019, p. 15) que

fundam saberes tradicionais, como um “[...] saber original da atitude natural, de uma proto-doxa em termos do que é simplesmente dado como “meras coisas” (SANTOS, 2017, p.143-144).

Assim sendo, dentre as abordagens fenomenológicas que analisamos durante este estudo, indicamos o filósofo francês Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) e sua obra *Fenomenologia da percepção*, para quem “fenomenologia é estudo das essências” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 1), como fundamentação teórica para o entendimento dos saberes tradicionais, além de autores que tenham similaridade à forma compreensiva merleau-pontyana.

Saberes expressam modos de compreensão do mundo. As experiências de vida são fenômenos inesgotáveis, que conjecturam formas de pensar a vida, dadas as necessidades cotidianas. A compreensão é um movimento que se realiza tendo em vista aproximar-se dessas experiências, desses saberes. A análise fenomenológica se insere nesse processo, como um campo reflexivo sobre o fenômeno percebido, como é percebido e quem o percebe, pois ela é “o estudo da experiência humana e dos modos como as coisas se apresentam elas mesmas para nós em e por meio dessa experiência” (SOKOLOWSKI, 2004, p. 10).

Originária da expressão latina *sapere*, segundo o Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, saber significa “ter conhecimento, ciência, informação ou notícia, [...] ter sabor, agradar ao paladar” (CUNHA, 2010, p. 573). Japiassu (1991, p. 15) apresenta o termo saber, em seu significado epistemológico, como “[...] um conjunto de conhecimentos metodicamente adquiridos”. Por esta acepção, entendemos que escola e a academia, por extensão, não são os únicos *locus* de acesso ao saber.

Os saberes estão presentes nas oralidades, expressões, simbologias, tradições, não sendo fixos no tempo e no espaço, eles emanam das práticas cotidianas por isso, podemos entender os fazeres como um saber de natureza material. Para Nascimento (2013), os saberes que são passados de geração em geração em comunidades tradicionais apreendidos no cotidiano e na interação com os fenômenos culturais podem ser chamados de Etnoconhecimento. Esses saberes são conhecidos como saberes da tradição, populares e da experiência, ou seja, “[...] forma singular de inteligibilidade do real fincada na cultura, com a qual determinados grupos reinventam o cotidiano, criam estratégias de sobrevivência, transmitem seus saberes e perpetuam seus valores e tradições”

(ALBUQUERQUE, 2012, p. 24) que “[...] referem-se ao conjunto de conhecimentos, modos de pensar, sentir e fazer enraizados no cotidiano, que envolvem tática, sutileza, faro, improviso, criação” (ALBUQUERQUE, 2016, p. 33).

Na compreensão de Merleau-Ponty (1999), o conhecimento está fundamentado na experiência do mundo vivido, porque uma vez no mundo, o ser, veiculado pelo corpo próprio, ou seja, a subjetividade encarnada adquire a consciência sobre as coisas, conforme a intencionalidade inerente ao ato de conhecer. Significa dizer que o ser (corpo-sujeito) intencional percebe o mundo pela consciência. O percebido é, por conseguinte, um fenômeno que se revela a quem intenta conhecê-lo. Aquilo que é percebido faz parte de um campo reflexivo parcial e, por isso, transcendental, comportando-se como pano de fundo para o conhecimento, em que ciência, linguagem e a arte são, tão somente, expressões segundas.

“Os Saberes Tradicionais, assim como a fenomenologia de Merleau-Ponty (1999, p.03) são construídos no “mundo vivido”, um conhecimento que vem antes daqueles pré-estabelecidos, construídos e ensinados por instituições” (BRANDÃO, 2019, p. 33-34). Isso demonstra que, assim como, “[...] não existe saber desvinculado da prática” (CUNHA, ALMEIDA, 2002, p. 13), podemos entender saberes tradicionais como nos apresenta Almeida (2008, p.88) quando afirma que são um “[...] conjunto de práticas organizativas e se traduzem em transformações políticas mais profundas na capacidade de mobilização destes grupos face ao poder do Estado e em defesa dos territórios que estão socialmente construindo”.

Como fenômeno, os saberes tradicionais representam as experiências de vida que, percebidos cotidianamente, possuem sentidos e significados para quem os percebe. Por isso, a compreensão fenomenológica de Merleau-Ponty sobre a categoria saber, “faz surgir” inúmeras possibilidades para o entendimento dos saberes tradicionais e suas articulações com outros saberes em um exercício contínuo de alteridade.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, M. B. B. Modalidades de usos e saberes do cipó Cabi. *Saeculum – Revista de História*, João Pessoa, n. 27, p. 195-213, jul-dez, 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/srh/article/view/16438>. Acesso em 25 de agosto de 2020.

ALBUQUERQUE, M. B. B. Introdução. In: ALBUQUERQUE, M. B. B. (Org.). *Saberes da experiência, saberes escolares: diálogos interculturais*. Belém: EDUEPA, 2016.

ALMEIDA, A. W. B. *Terra de quilombo, terras indígenas, “babaçuais livre”, “castanhais do povo”, faxinais e fundos de pasto: terras tradicionalmente ocupadas*. 2 ed, Manaus: PGSCA/UFAM, 2008.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2006.

BRANDÃO, G. S. 2019. *Saberes Tradicionais e o Ensino de Ciências: um estudo de caso na comunidade ribeirinha Nossa Senhora Aparecida do Miriti – Parintins/AM*. Manaus – AM. 187 p. [Dissertação (Mestrado em Educação e Ensino de Ciências)]. Universidade do Estado do Amazonas. Disponível em <http://repositorioinstitucional.uea.edu.br/handle/riuea/1683>. Acesso em 26 de março de 2020.

CARMINHOLI, C. C. 2015. *Reflexões sobre a Psicologia como ciência a partir da fenomenologia de Martin Heidegger*. São Paulo – SP. 104 p. [Dissertação (Mestrado em Filosofia)]. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/11691>. Acesso em 26 de março de 2020.

CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

CUNHA, M. C.; ALMEIDA, M. B. (Orgs.). *Enciclopédia da Floresta: o Alto Juruá: práticas e conhecimentos das populações*. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

DANTAS, R. A. A. A. 2017. *Heidegger, Derrida e a fenomenologia entre natureza e história*. Teresina – PI, 95 p. [Dissertação. (Mestrado em Filosofia)]. Universidade Federal do Piauí – UFPI. Disponível em <https://repositorio.ufpi.br/xmlui/handle/123456789/781> Acesso em 26 de março de 2020.

HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. Tradução, organização, nota prévia, anexos e notas: Fausto Castilho. Campinas/SP: Editora da Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.

HUSSERL, Edmund. *Logische Untersuchungen. Zweiter Band I. Teil Untersuchungen zur Phänomenologie und Theorie der Erkenntnis. Text nach Husserliana XIX/1. Investigações Lógicas*. Tradução Pedro M. S. Alves e Carlos Aurélio Morujão. Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2007.

JAPIASSU, H. *Introdução ao pensamento epistemológico*. 6 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

LIEVORE, C. PACININ, C. T. PILATTI, L. A. As áreas do conhecimento na pós-graduação stricto sensu brasileira: crescimento longitudinal entre 1995 e 2014. *Ensaio: aval. pol. públ. Educ.*, Rio de Janeiro, v.25, n. 94, p. 207-237, jan./mar. 2017. Doi: 10.1590/S0104-40362017000100008.

MANTOVANI, H. J. 2017. *A Revisão da Ontologia como Fenomenologia da Vida em Merleau-Ponty*. Goiânia – GO. 452 p. [Tese. (Doutorado em Filosofia)]. Universidade Federal de Goiás - UFG. Disponível em <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/8093>. Acesso em 26 de março de 2020.

MARTINS, J. P. 2015. *Fenomenologia e neurociência: uma relação possível*. Marília – SP. 85 p. [Dissertação (Mestrado em Filosofia)]. Universidade Estadual Paulista - UNESP. Disponível em https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/Filosofia/Dissertacoes/m_jp_me_mar.pdf. Acesso em 26 de março de 2020.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MUNOZ, M. V. 2017. *A caminho de Ser e Tempo: a virada hermenêutica da Fenomenologia*. Salvador – BA. 77 p. [Dissertação (Mestrado em Filosofia)]. Universidade Federal da Bahia - UFBA. Disponível em <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/24329>. Acesso em 26 de março de 2020.

NASCIMENTO, G. C. C. Mestre dos mares: o saber do território, o território do saber na pesca artesanal. In. CANANÉA, F. A. (Org.). *Sentidos de leitura: sociedade e educação*. João Pessoa: Imprell, 2013.

PRASERES, J. S. 2015. *Fenomenologia da Afetividade: um estudo a partir de Michel Henry*. Santa Maria – RS. 75 p. [Dissertação (Mestrado em Filosofia)]. Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Disponível em <http://w3.ufsm.br/ppgf/wp-content/uploads/2011/10/JANILCE-SILVA-PRASERES.pdf>. Acesso em 26 de março de 2020.

SALES, L. S. Estruturalismo – história, definições e problemas. *Revista de Ciências Humanas*. Florianópolis, EDUFSC, n. 33, p. 159-188, abril de 2003. DOI: <https://doi.org/10.5007/%25x>.

SANTOS, A. C. 2017. *Do Sujeito Constituinte à Constituição da Subjetividade: O problema do fundamento da subjetividade na fenomenologia*. Porto Alegre – RS. 174 p. [Tese (Doutorado em Filosofia)]. Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Disponível em <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/172967>. Acesso em 26 de março de 2020.

SOKOLOWSKI, R. *Introdução à fenomenologia*. São Paulo: Loyola, 2004.

VOSGERAU, Dilmeire Sant'ana Ramos; ROMANOWSKI, Joana Paulin. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. *Rev. Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 14, n. 41, p. 165-189, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/2317>. Acesso em 24 mai. 2020.

ZEIFERT, E. B. 2017. *Fenomenologia Hermenêutica e Filosofia Estrutural Sistemática: tentativas de aproximação*. Porto Alegre – RS. 137 p. [Tese (Doutorado em Filosofia)]. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. Disponível em <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/7737>. Acesso em 26 de março de 2020.

Recebido em: 18/03/2021 | Aprovado em: 16/07/2021

